

Número 3 - Enero / Junio 2017

REVISTA DIÁLOGOS EN MERCOSUR

ISSN 0719-7705

Portada: Felipe Maximiliano Estay Sepúlveda

**DIÁLOGOS EN MERCOSUR
¡AMÉRICA LATINA Y MÁS!**



221 B
WEB SCIENCES

CUERPO DIRECTIVO

Director Carlos Túlio da Silva Medeiros

Diálogos en Mercosur, Brasil

Sub Director Francisco Giraldo Gutiérrez

Instituto Tecnológico Metropolitano, Colombia

Editores Isabela Frade

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Alcione Correa Alves

Universidade Federal do Piauí, Brasil

Juan Guillermo Estay Sepúlveda

Universidad de Los Lagos, Chile

COMITÉ EDITORIAL

Andrés Lora Bombino

Universidad Central Marta Abreu, Cuba

Claudia Lorena Fonseca

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Carlos Túlio da Silva Medeiros

Diálogos en Mercosur, Brasil

Fernando Campos

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Portugal

Francisco Giraldo Gutiérrez

Instituto Tecnológico Metropolitano, Colombia

COMITÉ CIENTÍFICO INTERNACIONAL

Ana Mirka Seitz Universidad del Salvador, Argentina

Eduardo Devés

Universidad de Santiago / Instituto de Estudios Avanzados, Chile

Eduardo Forero

Universidad del Magdalena, Colombia

Graciela Romero Silveira

Universidad de la República, Uruguay

Heloísa Buarque de Hollanda

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Juan Bello Domínguez

Universidad Nacional Autónoma de México, México

Lisandro Alvarado

Universidad de Zulia / REO-ALCel, Venezuela

María Alicia Baca Macazana

Organización de Comunidades Aymaras, Quechuas y Amazónicas del Perú, Perú

María Teresa Ferrer Madrazo

Universidad de Ciencias Pedagógicas Enrique José Varona, Cuba

Cuerpo Asistente

Documentación Lic. Carolina Cabezas Cáceres

221 B Web Sciences, Chile

**Traductora: Inglés Lic. Pauline Corthon
Escudero**

221 B Web Sciences, Chile

Portada Felipe Maximiliano Estay Guerrero

221 B Web Sciences, Chile

**Traductora: Portugués Lic. Elaine Cristina
Pereira Menegón**

221 B Web Sciences, Chile

Indización

Revista Diálogos en Mercosur, se encuentra indizada en:



AS RELACOES ENTRE O NORTE, O SUL E OS SABERES ENTRE OS POVOS – Impressões decoloniais e a necessidade de uma América Pensante - ensaio¹

Carlos Túlio da Silva Medeiros

ctuliomedeiros@gmail.com

30 de octubre de 2016 – Fecha de Aceptación: 28 de diciembre de 2016



Nuestro norte es el Sur.

“No debe haber norte, para nosotros, sino por oposición a nuestro Sur. Por eso ahora ponemos el mapa al revés, y entonces ya tenemos justa idea de nuestra posición, y no como quieren en el resto del mundo.

La punta de América, desde ahora, prolongándose, señala insistentemente el Sur, nuestro norte.”

Joaquín Torres García, 1941.

Em uma visita recente à cidade de Montevideú, ainda com o objetivo de encontrar alguma raridade sobre a vida, a obra e histórias de José Enrique Rodó nas livrarias locais, em uma delas, enquanto olhava as prateleiras, durante a conversa com o livreiro, perguntei se ele tinha alguma graduação e há quanto tempo estava no ramo nos livros. Surpreso, respondeu-me que tinha formação em Desenho, mas que já atuava no ramo de livros há algum tempo. Então, perguntei a ele com que frequência ocorria a procura pelo

¹ Este ensaio tem como texto básico a tese de doutorado *BOLIVAR – ARIEL - A construção dos ideais de liberdade para a América Latina*, de Carlos Tulio da Silva Medeiros, USP, 2012.

nome *José Rodó* em seu estabelecimento. Depois de pensar por alguns instantes, respondeu-me que, até onde conseguia lembrar, eu era o primeiro nos últimos doze meses.

Através das inúmeras leituras realizadas durante esse processo de levantamento de dados, pude verificar que tanto *Ariel*, a obra, como a figura de *Simón Bolívar*, inevitavelmente, está presente no *in-consciente* coletivo do homem latino-americano. Também é *mister* afirmar que, para uma grande quantidade de pessoas comuns e intelectuais, José Enrique Rodó e Sílvio Júlio ainda são *ilustres desconhecidos*.

De maneira distinta, esses *ilustres desconhecidos* foram importantes na discussão e no processo de formação do continente, especialmente através de suas obras, cruzando seus respectivos pensamentos, muitas vezes, naquilo que parece ser buscado até hoje por todos aqueles que vivem abaixo da linha do Equador: a identidade latino-americana.

Nessa busca, podemos dizer que, na contemporaneidade, curiosamente - e contraditoriamente - outros elementos e instrumentos se agregam e são agregados a esse fim identitário, amplificando as vozes que buscam o mesmo sentido de união e estabelecendo relações entre elas. Foi o que constatamos a partir da observação, da experiência e da leitura de textos, fossem eles novos ou antigos. Nesse sentido, destacaremos a seguir um texto que julgamos um bom exemplo do que foi afirmado, especialmente no caso de José Enrique Rodó.

Com o intuito de comemorar o primeiro centenário de Ariel, no ano de 2000, o Ministério de Educação e Cultura do Uruguai lançou o livro Ariel – José Enrique Rodó. Não se tratava da obra em si reeditada, mas de uma análise a respeito da obra, sob o comando dos professores Martha Canfield e Rômulo Cosse.

Esse livro tem como abertura um artigo de Antonio Mercader, ministro da Educação e Cultura na época, intitulado: *A 100 años, Rodó y su Ariel siguen siendo noticia*. Um fato curioso a ser destacado é que o texto inicia, em oposição à forma com que *Ariel* foi escrito, fazendo referência ao uso da internet pelos jovens. Mercader deixa evidente que escreveu seu texto fazendo uso de um computador e buscou nos *sites* de busca uma “posição” referente a Ariel naquele momento. É uma re-atualização do próprio texto, por que não dizer, quiçá, daquilo que Rodó chamou atenção e criticou, ou seja, a modernidade, o utilitarismo.

Rastreando en Internet los jóvenes de hoy pueden encontrarse hasta 141 “sitios” dedicados al Ariel de José Enrique Rodó. Un siglo después, tantas referencias en la red de redes son un signo elocuente de la permanencia del mensaje rodoniano. ¿Cuál mensaje? Según las páginas “web” el contenido de mayor vigencia de Ariel es el “antiyanquismo”, como señala un boletín de la Universidad de Columbia. [...] Um siglo después, desde las más inesperadas perspectivas, Rodó y su *Ariel* siguen siendo noticia, lo que no es poca cosa para aquel escritor montevideano que quiso dejar una lección a los jóvenes de su tiempo y hoy perdura, como motivo de atención para diversas generaciones. Leer en estos días el Ariel es, sin duda, una experiencia interesante para aquellos que saben alternar la lectura en la pantalla del ordenador con ese insuperable objeto que es el libro, obstinado portador de los grandes mensajes (2000, p. 7).

A leitura possível de se fazer de Ariel, primeiramente, é que por muito tempo, e de maneira especial após o primeiro cinquentenário, a obra assumiu uma posição de destaque e símbolo de possibilidades, leia-se luta, para aqueles idealistas que sempre tiveram os Estados Unidos da América como inimigo número um da América Latina. No entanto, posta no mercado, a obra assume vida própria e o seu autor perde o presumido poder sobre a mesma, visto que, a partir de agora, é o leitor que dá sentido a ela.

Quando se publica Ariel, em fevereiro de 1900, o momento político era crítico e sabe-se que Rodó assimilou a derrota espanhola para os norte-americanos de maneira bastante particular. Encontrou na escritura o melhor caminho para marcar sua posição frente ao que ocorria. Colocando-se contrário à imposição cultural nórdica, em nível já bastante avançado no continente, Rodó escreve uma obra cuja linha principal estava baseada nos princípios da civilização greco-latina, que para muitos analistas, era apenas uma continuidade da dominação européia.

Porém, o que se viu é que Ariel, ou o próprio José Rodó, buscava motivar no homem de então uma elevação, talvez até a própria renovação – do espírito, quiçá da consciência, visto que este se encontrava abalado pelas influências do Novo Mundo. Rodó encontrou na figura de Próspero, o professor, cuja silhueta esconde o próprio autor, a fórmula para fazer essa comunicação – aí, podemos ler: reflexão, a (auto)-crítica ao pensamento até mesmo local/montevideano, por fim, à violenta invasão norte-americana a Cuba e Porto Rico e sua respectiva política selvagem e dominadora para o continente, etc – , através do que Cosse (2008) classifica de *biplanaridade*, ou seja, o ensaio rodoniano, *qualifica a palavra* e, conseqüentemente, *o seu pensamento*, com um objetivo

bastante claro: maturar, solidificar, robustecer e dizer, através da narrativa ficcional, enquanto elemento de resistência, tudo aquilo pensava sobre o mundo atual.

Assim, no último dia de atividades escolares, esse “Eu” recomenda aos seus alunos – a juventude americana – o que deveriam fazer por si próprios e pela sociedade da qual fazem parte, sociedade essa ameaçada, especialmente, pelo pecado utilitarista. Rodó sabe que

el momento en que escribe no es propicio para que la juventud haga ejercer su influencia, pero al mismo tiempo siente que ‘América necesita de su juventud’. Y por ello reflexiona: ‘Quizá universalmente, hoy, la acción y la influencia de la juventud son en la marcha de las sociedades humanas menos efectivas e intensas que debieran ser (MONEGAL, 1967, p. 101).

Talvez, por essa razão, Ariel tenha sido uma das obras mais lidas nos últimos cem anos ao longo da América Latina, como recorda Devés-Valdéz (2000). Rodó criou um livro que se descobre a cada re-leitura e que parece estar sempre pronto a seduzir o seu leitor, jovem ou de primeira viagem, levando-o a questionar-se justamente sobre o que ocorreu, ou tem ocorrido, com a história da América Latina nesses últimos cem anos, visto que a obra continua vigente e atualizada a cada pesquisa, seja ela no campo da História, seja ela no campo das Letras.

Lo fermental sería pensar Ariel, más que como una toma de posición hoy vigente, como un desafío a la discusión de un complejo conjunto de problemas, en el marco de una educación fortalecida y jerarquizada. Es posible que de este modo, su presencia en la cultura contemporánea, cobrase un nuevo sentido, al promover una recepción polémica y reflexiva. [...] y a partir de ahí, esperar futuros lectores capaces de emprender su propia aventura, fundada en la tenacidad y audacia de su capacidad comprensiva (COSSE, 2008, p. 82).

Quer dizer, a Recepção assume um papel relevante nesse contexto, uma vez que este leitor – em especial o rodoniano – é convidado a ser um membro ativo do processo que revela a esteticidade da obra. Estará em suas mãos a responsabilidade de transformar o até então objeto paralisado, inerte, naquele com sentido, respostas, significados e, praticamente, vida própria. Neste caso, a obra, enquanto literatura, não só proporcionará o prazer estético, como assumirá a missão transformadora desse leitor.

“sabe que no puede *ser más* de lo *que es*;
pero sí que puede *hacer más* de lo que ha hecho”²

Na obra Bolívar ou Cérebro e coração de Bolívar, cuja primeira edição é de 1931, Sílvio Júlio traz ao leitor a figura do mito, antes de tudo, romantizado. Seguiu a mesma opinião dos críticos modernos a respeito do símbolo máximo da Venezuela, ou seja, descreveu seu Bolívar como: o herói entronizado, sem problemas ou defeitos, o salvador da Pátria Grande, o homem bom, justo, sempre correto em suas ações, aquele que, se errou, foi porque tentou unir a todos. Se ele não conseguiu, foi devido aos interesses particulares de seus opositores e até mesmo amigos, a ânsia particular de cada um pelo poder.

Enquanto recepção, registro que, como leitor e pesquisador da obra silviojuliana, ficou claro que: 1. Seu livro Bolívar, lamentavelmente, não teve circulação acadêmica, salvo em bibliotecas de intelectuais que se interessavam pelo tema, ainda que tenha sido quatro vezes editada; 2. Como escritor e crítico literário sobre o tema *América Latina*, não foi encontrada nenhuma citação a respeito de Sílvio Júlio, ou suas obras, nem mesmo quando Sílvio Júlio falou de José Enrique Rodó, em José Enrique Rodó e o Cinqüentenário do seu livro Ariel, que data de 1954; muito menos sobre figura de Bolívar.

Pode-se especular que o temperamento intransigente silviojuliano seja o grande responsável por essa ausência nas bibliografias latino-americanas, muito embora seja possível encontrar uma ou outra obra de sua autoria em livrarias ou sebos, em cidades como Montevideu, Buenos Aires, Santiago, São Paulo ou Rio de Janeiro, o que se lamenta imensamente, visto que Sílvio Júlio de Albuquerque Lima, intelectual de primeira grandeza, viu uma América com os mesmos olhos de Bolívar, de Rodó, do qual foi amigo próximo, de Darío ou Martí.

Sílvio Júlio de Albuquerque Lima esforçou-se para confirmar e deixar registrado nos anais da história acadêmica, fosse aos olhos da Literatura, fosse aos olhos da História, que o venezuelano Simón Bolívar lutou ao extremo para unificar *nuestra* América em uma república *una*, em um único Novo Mundo, a partir daquelas características que mais os aproximava enquanto hispânicos, ou seja: a língua, corroborada pela religião e pelos costumes, mesmo com todos os seus contraditórios.

² Simón Rodríguez, *Defensa de Bolívar (El Libertador del mediodía de América y sus compañeros de armas defendido por un amigo de la causa social)*, Caracas, imprenta Bolívar, 1916, p. 78. El subrayado [aquí en cursivas] es de don Simón.

Ao longo de nossa colonização, com guerras e conflitos em todas as partes do Continente, a esperança da união e irmandade latino-americana continuava intensa e ativa, especialmente através de intelectuais como Enrique Stefanini, diretor da *revista mensual de difusión cultural americana Nuestra América*, publicada na capital argentina, que nos idos de 1928, quase cem anos depois das palavras de Bolívar, repetia:

La América Latina existe. Es una y única desde el Rio Grande hasta el Rio de la Plata. No hay diferencia fundamental alguna entre mejicanos y argentinos, o entre estos y los venezolanos, o entre estos y los peruanos. En idiomas, en religión, en historia, en costumbres, en puntos de vista, en sentimientos, en gustos, en tradiciones, en todo, en todo, en todo, somos un solo pueblo, dividido apenas por fronteras políticas (SILVIO JULIO, 1928, p. 15).

Politicamente, o sonho de Bolívar, e de outros presumíveis libertadores, era uma Hispanoamérica integrada, com o objetivo de alcançar a solidez e liberdade dentro dos preceitos da cooperação e solidariedade entre os povos do continente, e construção de um estado confederado, com assim o fez aquela América mais ao norte, calcanhar de Aquiles tanto de Bolívar como também de Ariel, de José Rodó. Entretanto, os interesses não comuns, individuais, políticos e econômicos, parecem ter prevalecido nesse processo histórico mais que o próprio pensamento integracionista da região como um todo.

Simón Bolívar não foi “santo” nesse processo, uma vez que quando propunha reunir um Estado Uno, via-se como Comandante Supremo, com poder ditatorial – tanto que quatro anos antes de sua morte, durante o discurso no *Congreso Constituyente de Bolívia*, em 25 de maio de 1826, afirmava:

El Presidente de la República viene a ser en nuestra Constitución como el Sol que, firme en su centro, da vida al Universo. Esta Autoridad debe ser perpetua, porque en los sistemas sin jerarquías se necesita más que en otros um punto fijo alrededor del cual giren los Magistrados y los ciudadanos: los hombres y las casas (BOLIVAR, 1981, p. 130).

Infelizmente para Bolívar, foram ações e comportamentos como esse que atrapalharam seu projeto e afastou seus aliados; contudo, a literatura produzida sobre a sua história ao longo dos anos coloca Bolívar como o cidadão que mais sonhou com uma América totalmente irmanada, coesa.

Moacir Werneck de Castro lembra em O Libertador – A vida de Simón Bolívar (1988), que somente o pesquisador espanhol Pedro Grase, em 1978, ao publicar El

archivo del libertador, com cartas, anotações pessoais, decretos, etc, precisou nada mais nada menos que de 208 tomos para reunir todo esse material.

Entretanto, os pesquisadores relevam, ou colocam em segundo plano, figuras como San Martín, Bernardo O'Higgins, Sucre, Santander, Miranda, entre outros nomes importantes naquele quadro de ações, estratégias, guerra, poder e decisão junto àquele que julgavam o Libertador da América, o criador de nações. Assim também o fez Sílvio Júlio.

Por fim, pese as grandes diferenças entre as nações que a formam, a América Latina vive um momento de grande transformação sócio-político-econômico-cultural-acadêmica, onde a sociedade se olha frente ao próprio espelho. As veias abertas (Galeano, 2001), que ainda sangram, precisam ser curadas sob o comando da própria América Latina, e não subjugadas, sob o pretexto da hoje globalização e em nome de um bem maior, ou seja, o planeta, por forças que se dizem – e às vezes até o são – superiores.

Nesse contexto, temos observado que se o continente foi “pensado” por figuras libertadoras, como foi Bolívar, ou por intelectuais a serviço de algum grupo, sem diminuí-lo, como também foi o caso de Rodó, uma coisa parece ter sido fato: pouco se pensou naquele que sustenta todo esse processo, ou seja, o povo, visto que, na maioria das vezes, as mais distintas ações se caracterizam por movimentos fragmentados, de grupos isolados e projetos políticos particulares, buscando novas formas de poder.

Dai, vem-nos a pergunta: como atuar em/com a sociedade, tão cheia de ramificações e interesses entrecruzados, como nos lembra Giddens (1994), de forma descompromissada? Seria possível atuar dessa forma socialmente? Em que momento, devemos descobrir o outro ou que ao lado existe um outro? Quando devemos nos importar com o pensamento, simplesmente, do outro?

Lendo o texto da intelectual boliviana Silvia Cusicanqui, *El potencial epistemológico y teórico de la historia oral: de la lógica instrumental a la descolonización de la historia*, esbarramos com a narrativa, copiada do argentino Borges (1974), logo na abertura, que nos conta o seguinte:

Cuando, en 1969 Jorge Luis Borges publicó su pequeño relato titulado "El etnógrafo", quizás no se percatara del todo de que en esas dos páginas estaba resumiendo los principales problemas epistemológicos y éticos de las ciencias sociales de nuestra época. Relata Borges que un estudiante de doctorado de una universidad norteamericana había sido inducido por su profesor al estudio de las lenguas indígenas y de los ritos tribales de una sociedad de

indios de la pradera. Los secretos de los brujos indios —una vez analizados y vertidos en categorías aceptables para la comunidad científica— permitirían al etnógrafo obtener el ansiado título doctoral y ganar un sitio de prestigio en la estructura académica oficial de su país. Murdock, así se llamaba el etnógrafo en ciernes, ensayó por dos años la aventura de convivir con la tribu de indios de la pradera. Aprendió su idioma, "se cubrió con ropas extrañas, olvidó los amigos y la ciudad, llegó a pensar de una manera que su lógica rechazaba". Su compenetración con la cultura y cosmovisión indígena fue tan profunda, que "llegó a soñar en un idioma que no era el de sus padres". Fue iniciado por el principal ritualista de la tribu. Este, al cabo de un largo aprendizaje, le confió los secretos de su doctrina ancestral.

Cuando el estudiante Murdock retornó a la "civilización" se presentó ante su profesor para declarar que conocía los secretos de la cosmovisión indígena, pero que no los revelaría a nadie. No escribió su tesis doctoral, se negó por el resto de su vida a hablar de esas experiencias, y terminó convertido en oscuro empleado de biblioteca en una universidad local. Argumentando sobre su decisión, dijo: "El secreto, por lo demás, no vale lo que valen los caminos que me condujeron a él. Esos caminos hay que andarlos" (Borges 1974:989- 990). [49] (apud Cusicanqui, 1987, p. 1).

A mesma Cusicanqui, mais adiante, afirma:

Lo cierto es que en la década del 70 surgen en toda el área vigorosos procesos de autoconciencia étnica y se forman organizaciones que reclaman para sí el derecho de generar sus propias sistematizaciones ideológicas y políticas, desplazando del rol de intermediarios a los intelectuales y cientistas sociales de las diversas disciplinas. Un antropólogo colombiano hace al respecto una conmovedora declaración post-facto:

"Ya sabemos que la opción de una etnología positiva y academicista no es satisfactoria y nuestra desconfianza de un "activismo antropológico" irresponsable es justificada, (pues) la experiencia nos ha demostrado que éste se enfrenta desfavorablemente al poder constituido (Cusicanqui, 1987, p. 1).

Logo, se para precaver-se, devemos mirar esse outro (Silva, 2012) lhe reservando o silêncio e, a partir disso, buscar uma independência, precisaremos nos livrar da desconfiança epistemológica e filosófica, quer dizer, é preciso descolonizar-se – ou *decolonizar-se* – muito além de Bolívar e de Rodó, pois somente dessa maneira, será possível ter um pensamento próprio, diferente, dentro do continente, para superar,

inclusive, o espaço abissal (Santos, 2008) entre as muitas epistemologias de saberes encontradas além do conhecimento de gabinete.

Em tempo, vale ressaltar que o termo em voga *decolonialidad* já se encontra consolidado no âmbito das ciências sociais e oriundo do diálogo transnacional latino-americano, como nos lembra Lander (2000), o vocábulo foi assumido por nossos ditos intelectuais modernos e passou a ser usado de maneira lato; de toda forma, se queremos um pensamento decolonial, considerando as sabedorias emergentes, é preciso superar a mesma afirmação absoluta imposta pelo pensamento europeizante de outrora, do contrário, estaremos caindo na mesma armadilha da captura, visto que toda questão de liberdade e pensamento passa pela questão de mudança epistêmica, pois a maior dificuldade é superar em si, e entre os demais membros da sociedade, a questão da diversidade.

De toda forma, com a chegada da modernidade, foi-se percebendo a real necessidade de buscar um pensamento próprio, longe do pensamento colonizador-dominador, que hoje nos sufoca sob a nova roupagem da globalização. Diante desse contexto, assumir uma *decolonialidade* passou a ser uma ação estratégica para poder seguir no caminho da libertação do pensamento. Tal ato passou a requerer de seus pensadores uma nova forma de pensar *Nuestra América* desde nossa própria América; contudo, sem agir de forma xenófoba ao pensamento europeu e considerando a própria questão da colonialidade, e seu respectivo pensamento, como algo dentro de nosso próprio momento histórico. A partir disso, considerar que o ato de pensar faz-se necessário como território próprio, maduro, e não mais dependente de um pensamento colonizador, pois como nos propôs o pintor uruguaio Joaquín Torres, certamente, o nosso *Norte deverá ser sempre o Sul!*

Bibliografia

- Bolívar, Simón. *Simón Bolívar: Escritos Políticos*. Madrid, Alianza Editorial, 1981.
- Canfield, Martha / Cosse, Rómulo. *Ariel. Jose Enrique Rodó*. Biblioteca Nacional, Montevideo. 2000.
- Deves Valdes, Eduardo. *Del Ariel de Rodó a la CEPAL – 1900 – 1950*. Editorial BIBLOS, Buenos Aires, 2000.
- Giddens, Antony. *Novas Regras do Método Sociológico*, publicado em 1994, em Lisboa, pela Gradiva
- Lander, E. (ed.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: Clacso, 2000.
- Medeiros, Carlos Tulio da Silva. *BOLIVAR – ARIEL – A construção dos ideais de liberdade para a América Latina*, de Carlos Tulio da Silva Medeiros, USP, 2012.
- Monegal, Emir Rodriguez. *José Enrique Rodó - Obras Completas*. 2 ed., Madri, Aguilar, 1967.
- Rivera Cusicanqui, Silvia, “El potencial epistemológico y teórico de la historia oral: de la lógica instrumental a la descolonización de la historia” en revista *Temas Sociales*, número 11, IDIS/UMSA, La Paz, 1987, p. 49-64.
- Santos, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo. Para uma nova cultura política*. Vol. 4. 2a. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- Silvio Júlio. *Cérebro e Coração de Bolívar*. 3a ed. Progresso, Salvador, 1957.
- _____. *José Enrique Rodó e o Cinquentenário do seu livro “Ariel”*. MEC/IN, Rio de Janeiro, 1954.
- _____. *História e Localismo – sobre os livros de Ariosto González*. Rio de Janeiro, Editora Leite Ribeiro F. Bastos, 1928.
- Simón Rodríguez, *Defensa de Bolívar (El Libertador del mediodía de América y sus compañeros de armas defendido por un amigo de la causa social)*, Caracas, imprenta Bolívar, 1916.
- Silva, Franklin Leopoldo e. *O Outro*. São Paulo : Editora WMF/Martins Fontes, 2012.
- Rodó, José Enrique. *Ariel*. Trad. Denise Bottman. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1991.

Las opiniones, análisis y conclusiones del autor son de su responsabilidad y no necesariamente reflejan el pensamiento de la Revista Diálogos en Mercosur.

La reproducción parcial y/o total de este artículo
debe hacerse con permiso de

Carlos Tulio da Silva Medeiros